

UAGETA 1

A S P R E C I O S A S R I D I C U L A S

1 A T O

M O L I È R E

T R E D U Ç ã O D E G E M M A G E N E R A L L I

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS



PERSONAGENS:

LA GRANGE }
DU CROISY } AMANTES REGLITADOS

GOEGIBUS Pai

MAGDELON, filha de Gorgibus }
CATHOS, sobrinha de Gorgibus } PRECIOSAS RIDÍCULAS

MAROTTE, criada das preciosas

MARQUÊS DE MASCARILLE, criado de La Grange

VISCONDE DE JODELET, criado de Du Croisy

A PEÇA PASSA-SE EM PARIS, NA CASA DE GORGIBUS.

NÃO REPRESENTAMOS
O AUTOR INDICADO
PELA SBAT.

TRADUTOR

Paulo

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS



ABERTURA

Numa tela começam a ser projetados do espetáculo, enquanto ouve-se Gal Costa cantando "Bom Rapaz". Ao mesmo tempo um praticável móvel entra em cena com uma das preciosas banhando-se. Maia a frente, entra outro praticável com outra preciosa fazendo ginástica. A criada entra com uma chaleira com água fervendo e despeja na banheira. A preciosa grita. A criada corre a massagear a outra, dando-lhe tapas. Ela também grita. Os créditos continuam a ser projetados, enquanto o som agora é de anúncios comerciais de produtos de beleza. Num outro plano, o pai surge preocupado. O som muda para um dramático tango, ao mesmo tempo que os pretendentes repelidos surgem furiosos em outro plano. Os créditos agora são entremeados de publicidades, enquanto o som começa a ficar ininteligível, num acúmulo de anúncios gravados. Ao final, todos estão gritando, enquanto é projetada uma confusão de imagens. Súbito, uma explosão. As luzes se apagam e o silêncio é total.

CENA I

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

La Grange entra na frente de Du Croisy. Os dois olham para trás furiosos. Uma música descritiva deve acompanhar seus movimentos. Quando um para o outro também para, olhando ambos para trás e fazendo conjuntamente gestos exclamatórios. Depois recomeçam a cena. Até que La Grange para súbitamente, fazendo com que Du Croisy esbarre nêle. Os dois caem ao chão e levantam-se tentando manter a dignidade.

DU CROISY - Senhor La Grange !

LA GRANGE - O que ?

DU CROISY - Olhe-me sem rir.

LA GRANGE - Ora !

DU CROISY - O que achou de nossa visita ? Está satisfeito ?

LA GRANGE - Ora bolas ! Temos motivos para estar ?

DU CROISY - Para ser franco, não.

LA GRANGE - De minha parte, confesso-lhe que estou escandalizado. O senhor alguma vez já tinha visto duas idiotas provincianas fazerem maiores desfeitas que aquelas duas, e, dois homens tratados com tanto desprezo como nós? O máximo que se dignaram foi pedir que lhes alcançássemos uma cadeira. Nunca vi ninguém cochichar tanto como estas duas, tantos gritinhos, tanto bater de olhos e tantas vêzes repetir-"Que horas são?". Por acaso responderam sim e não a tudo o que lhe perguntamos ? Asseguro-lhe que ainda que fôssemos as últimas

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

pessoas do mundo não teríamos sido tratados como fomos.

DU CROISY - Parece-me que está levando a coisa muito a sério.

LA GRANGE - Sem dúvida, eu levo tão a sério que tenho ganas de me vingar de tanta impertinência. Eu sei o que foi que as tornou desprezíveis. O ar precioso não atingiu somente a Paris. Ele tomou conta também da província e nossas ridículas donzelas mergulharam nê-le, totalmente. Resumindo, são duas preciosas e ridículas. Mas, sei muito bem o que faremos para nos vingarmos: se me der crédito nós lhes pregaremos - uma peça que as fará ver sua imbecilidade e conhe-cer melhor o mundo.

DU CROISY - Que pretendeis fazer ?

LA GRANGE - Ouça. Tenho um certo criado, chamado Mascarille, - que já enganou muita gente por suas maneiras e seu espírito. O senhor sabe, hoje em dia nada é mais - barato que um sujeito bem informado. Ele é um tipo extravagante que se meteu na cabeça de poder ser - um homem fino. Ele é do tipo paquerador, que faz - versos e chega a fazer pouco dos outros criados ao ponto de chamá-los ralé.

DU CROISY - Sim, e daí ?

LA GRANGE - O que eu pretendo fazer ? É preciso... mas, é me - lhor sairmos daqui, antes de tudo.

CENA II

Reinicia a música descritiva e La Grange e Du Croi sy repetem os movimentos iniciais, quando vão sair esbarram em Gorgibus. Os três desmancham-se em mesuras.

GORGIBUS - Então, viram minha sobrinha e minha filha ? Como fo- ram as coisas ? Qual o resultado da visita ?

LA GRANGE - Isso o senhor poderia saber melhor delas do que nós. O que podemos lhe dizer é que lhe agradecemos muito pelo favor que nos fêz. Seremos sempre seus humildes servidores. (reverências)

DU CROISY - Seus muito humildes servidores. (Reverências, saindo atrás de La Grange, enquanto cochicham)

GORGIBUS - Ué, parece que não ficaram satisfeitos. Qual será a causa de seu descontentamento? Tenho que saber o que se passou. (Bate palmas) Olá!

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS



CENA III

Enquanto Gorgibus irrita-se batendo palmas e chamando a criada, um tema rápido e barroco introduz Marotte que entra ritimicamente com passinhos miúdos e rápidos, enquanto espevitadamente bate as mãos no avental.

MAROTTE - O que deseja, senhor ?

GORGIBUS- Onde estão suas patroas ?

MAROTTE - Em seus aposentos ?

GORGIBUS- Fazendo o que ?

MAROTTE - Ginástica, sauna, massagens, duchas quentes e pomadas para a pele.

GORGIBUS- É muita pomada. Diga-lhes que desçam. (Marotte sai ao som do tema com que entrou) Estas duas com suas pomadas ainda vão me arruinar. A única que vejo nesta casa são claras e ovos, leite virginal e mil pedzinhos que eu nem conheço. Desde que chegamos a Paris já usaram o toucinho de pelo menos meia dúzia de leitões e os pés de carneiros que elas empregaram para fazer pomadas dariam para alimentar quatro criados num ano inteiro.

Teatro de Arena

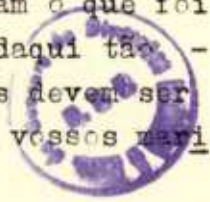
CENA IV

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Ao som de jingles e comerciais de produtos de beleza e moda, as duas preciosas vestem-se auxiliadas pela criada. Enquanto a criada se desespera para fazê-las entrar dentro dos espartilhos e dos vestidos, as duas sofrem horrivelmente e bufam cansadas. A criada tenta desistir, mas elas a agarram e obrigam-na a auxiliá-las. Na tela são projetados diversos anúncios de produtos, institutos e soutiens, até que prontas as duas deixam-se cair no divã, enquanto abanam-se. A luz acende-se sobre Gorgibus que está impaciente. Um tema musical para desfiles de modas anuncia a entrada das duas preciosas. Magdelon entra exageradamente, lânguida e afetada, com seus ridículos cabelos e vestidos, enquanto Cathos mais atrás desageitadamente tenta imitá-la, ficando grotesca devido ao seu peso e gordura. As duas dão diversas voltas afetadamente pelo pai, podendo dirigir-se ao público, enquanto Gorgibus mostra-se até um pouco amedrontado com a cena. De repente explode, fazendo com que as preciosas percam os maneirismos e olhem-no aturdidas.

GORGIBUS - Será possível que é preciso fazer tantos gastos só para lambuzar os focinhos ? Agora me digam o que foi que fizeram a êstes senhores que saíram daqui tão friamente ? Ainda não entenderam que êles devem ser recebidos como pessoas que eu quero para vossos maridos ?

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS



- MAGDELON - Ora, senhor meu pai, que estima podemos ter por pessoas que procedem daquêles geito ?
- CATHOS - É impossível, meu tio, que uma jovem razoável possa acomodar-se a tais pessoas.
- GORGIBUS - Porque dizes isto ?
- MAGDELON - Que bela maneira de conquistar a dôles! Imaginem, co_m meçar logo pelo casamento!
- GORGIBUS - E por onde quer que êles comecem ? Pelo amor livre ? Êste não é um procedimento que vocês duas e nem eu, gostaríamos de nos orgulhar. Existe algo mais comprometedor do que isso? Mas, esta ligação sagrada a qual êles aspiram não é um testemunho da honestidade de suas intenções ?
- MAGDELON - Ora, senhor meu pai, isto está tão fora de moda. Envergonho-me até de ouvi-lo falar assim. Devia ser um pouco mais práfrentex.
- GORGIBUS - Não entendo nada do que diz. Mas, asseguro-lhe que o casamento é uma coisa santa e sagrada e que as pessoas honestas comecem pelo casamento.
- MAGDELON - Que horrori. Se todo o mundo pensasse assim o romance não existiria mais!
- CATHOS - O que seria da paquera!
- GORGIBUS - Não me venham com essas histórias.
- MAGDELON - Ora, senhor meu pai, aqui está minha prima que pôde dizer-lhe tão bem quanto eu que o casamento só deve chegar depois de outras aventuras. É preciso que o bem-amado para ser agradável, saiba dispender dos belos sentimentos, ser doce, terno e apaixonado. E que saiba acercar-se da mulher amada. Primeiro êle deve vê-la na igreja, ou durante um passeio, ou em alguma cerimônia pública. (Aqui inicia-se uma cena muda com tema musical de tango ou belero. Um dos regeitados amantes abraça violentamente Cathos, enquanto Magdelon fala e olha deliciada. Gorgibus assiste a tudo atônito. A cena desenvolve-se em ritmo de paixão mexicana, com o amante segurando Cathos nos braços e perdendo o equilíbrio com seu excessivo peso. Ela tenta escapar, mas, o amante agarra-a a fôrça. Na tela projetam-se velhas fotos de Rodolfo Valentino e Teda Bara em cenas de filmes antigos. A luz sobre Magdelon e Gorgibus é a mesma, enquanto que na cena imaginária ela é entremecida de sombras) Ou então ser conduzido fatalmente até a casa dela por um parente ou amigo e sair de lá sonhador e melancólico. Durante algum tempo, êle esconde sua paixão do objeto amado,

mas faz-lhe visitas seguidas, durante as quais nunca deixa de falar em assuntos românticos que exci- tem as pessoas presentes. Quando chega o dia da declaração de amor, esta deve ser feita de preferência entre os canteiros de um jardim, enquanto os acompanhantes se tenham afastado um pouco; êle deve falar como se implorasse o amor, deixando-nos tão perturbadas que por algum tempo ficamos tontas e temos a sensação de desmaiar. Então, êle encontra um meio de nos acalmar, acostumando-nos insensivelmente às palavras de sua paixão e nos arranca o juramento sofrido. Depois disso, vem as aventuras, os rivais que se atiram nas disputas, os pais que perseguem, os ciúmes, os choros, os desesperos, os enlevos, e tudo o mais que se segue. Eis como as coisas se passam entre as pessoas civilizadas. Mas, chegar diretamente à união conjugal, ao casamento simplesmente, sem expressar o amor que constitui a base do casamento. Não! É tomar o romance pelo rabo! E tem mais, senhor meu pai, não existe nada mais vulgar do que êsse procedimento! Só a lembrança disso, me provoca uma dor no coração!

- GORGIBUS - Veja lá como você fala! Olha os modos!
- CATHOS - Realmente, meu tio, minha prima acertou na môsca. Pra que receber pessoas que não entendem da paquera? Garantia que êles nunca leram ou viram "O Direito de Nascer", e que "Querida", "Capricho" e "Grande Hotel" são coisas desconhecidas para êles. Não se pode exigir que tenham refinamento e que seus modos nos impressionem? Imagine, vir em visita amorosa sem calças justas, chapéu sem plumas, uma cabeça quase careca e casaco sem fitas! Meu Deus! que amantes são êles! Que atitudes e que conversa mais sem graça! Tão sem jeito. Observei também que suas roupas não são de bom corte, e que êles usam meia sola nos sapatos e seus saltos não são muito altos.
- GORGIBUS - Acho que vocês estão loucas. Não compreendo nada do que dizem. Cathos e você Magdelon ...
- MAGDELON - Ora senhor meu pai, por piedade deixar de nos chamar por êsses nomes vulgares, chamai-nos de outra forma ...
- GORGIBUS - Como? êstes nomes vulgares? Não são por acaso vossos nomes de batismo?
- MAGDELON - Meu Deus, como êle é vulgar! Não há nada mais surpreendente como eu ter nascido de um pai assim.

Ninguém que esteja por dentro se chamaria Cathos e Magdelon e o senhor não conseguirá negar que alguém que se chame por um nome dêsses jamais conseguirá - qualquer romance.

CATHOS - É verdade, meu tio, qualquer ouvido mais delicado sofre horrosamente quando ouve um nome dêsses. Entretanto, o nome de Polixena que minha prima escolheu, e o de Aminthas que eu mesma me batizei, tem tal graça e encanto que o senhor não pode duvidar.

GORGIBUS - Escutem bem - só existe um nome que lhes serve. Eu não posso admitir que vocês usem outro nome a não ser aquêle que lhes foi dado por vossos padrinhos e madrinhas no dia do batismo. Quanto a êssos senhores em questão, eu conheço suas famílias e sua riqueza e quero que sejam vossos maridos. Já estou cansado - de cuidar-vos: duas moças é uma carga muito pesada para um homem de minha idade.

CATHOS - Quanto a mim, meu tio, tudo o que posso dizer é que acho o casamento uma coisa chocante, Como é que se pode suportar a idéia de dormir ao lado de um homem completamente nú ?

MAGDELON - Ora, senhor meu pai, permita que fiquemos conhecidas entre o belo mundo de Paris, onde acabamos de chegar. Deixai que façamos segundo nosso prazer e desenrolar de nossos romances e não apresse tanto a conclusão.

GORGIBUS - Sem dúvida, elas sabem o que querem. Não entendo - dêsse blá-blá-blá todo, mas, quero que entendam bem de uma coisa: sou o senhor absoluto e para acabar - com qualquer discussão, ou, vocês duas casam antes que seja tarde, ou, por minha fé, vocês entrarão para um convento. Isso eu prometo.

CENA V

Um tema musical apaixonado propicia a saída de Gorgibus, furiosamente. Magdelon e Cathos quase desfalecem, sentando-se para não cair.

CATHOS - Céus, minha querida, seu pai é mesmo quadrado. Decididamente, êle fundiu a cuca.

MAGDELON - O que é que você queria ? Estou confusa, também. Custa-me crer que sou realmente sua filha e tenho certeza que algum dia ficarei sabendo de alguma aventura de minha mãe, que me devolverá um nascimento mais ilustre.

CATHOS - Também acredito. As aparências são evidentes; e eu, quando me olho ...



CENA VI

O tema musical de Marotte anuncia sua entrada. Ela surpreende as duas preciosas com sua entrada esprevidada.

MAROTTE - Está aí um criado perguntando se as senhoras estão em casa e diz que seu patrão quer visitar-vos.

MAGDELON - Aprenda, estúpida, a anunciar com menos vulgaridade. Diga "Eis um necessário que pergunta se estais prontas para serdes visíveis".

MAROTTE - Senhora! Eu não compreendo nada de latim e não estudei como as senhoras nas escolas mais famosas.

MAGDELON - Impertinente! Se eu lhe tratasse como você merece... Quem é o patrão do necessário que está aí?

MAROTTE - Ele disse que é o Marquês de Mascarille.

MAGDELON - Ah, minha querida, um marquês, um marquês! Anda, vai de uma vez dizer-lhe que ele pode ver-nos. Sem dúvida foi um belo espírito que ouviu falar de nós.

CATHOS - Sem dúvida, minha querida, alguém muito bem informado.

MAGDELON - Acho preferível que o recebamos aqui do que em nossos aposentos. Mas, vamos passar um pente no cabelo e retocar a maquilagem. Mantenhamos nossa reputação. Rápido, vamos.

MAROTTE - Cruz, credo! Que linguagem! Não sei que troço deu nelas. Se quiserem que eu entenda, falem como qualquer cristão.

CATHOS - Traz-nos o espelho, ignorante, e cuida para não sujá-lo com a comunicação de sua imagem.

CENA VII

Um tema musical de carnaval possibilita a entrada de Mascarille. Na tela são projetados alguns super-heróis com piadas. Ele entra semi-escondido em uma cadeirinha, carregada por dois homens. Tanto os carregadores, quanto Mascarille movem-se ao som da música. As luzes começam a piscar, enquanto Mascarille fica dançando e os criados prosseguem com a cadeirinha, que só possui a parte visível para o público. Mascarille grita e alcança os carregadores. Andam mais um pouco, até que param. Mascarille abre a porta da cadeirinha e passa para o lado do público.

MASCARILLE - Ôpa! Ôpa! Cuidado! O que pretendem, seus brutos, - planejam me quebrar com todos êstes buracos e batendo de encontro os muros da cidade?

PRIMEIRO CARREGADOR - É que a porta é estreita. O senhor mesmo - quiz que viéssemos até aqui dentro.

MASCARILLE - Acho bom. Vocês queriam por acaso, seus estivadores, que eu expusesse o esplendor de minhas plumas e rendas às inclemências da chuva e que sujasse -

mous sapatos na lana ? Vamos, apressem-se, tirem esta cadeira daqui.

SEGUNDO CARREGADOR - Então, se não fôr incômodo, pague-nos, senhor.

MASCARILLE - Como ?

SEGUNDO CARREGADOR - Eu disse, senhor, que se fôr de vosso agrado nos dê algum dinheiro.

MASCARILLE - (Dá-lhe uma bofetada e derruba-o ao chão) Atrevido, pedir dinheiro a uma pessoa de minha qualidade!

SEGUNDO CARREGADOR - É assim que se pagam as pessoas pobres. E por acaso vossa qualidade nos dá o que comer ?

MASCARILLE - Ah! Ah! Já lhes ensino uma coisa. Esses canalhas ou sam me contrariar.

PRIMEIRO CARREGADOR - (Apanha um dos paus da cadeirinha) Vamos, pague-nos logo.

MASCARILLE - Como ousa ?

PRIMEIRO CARREGADOR - (Ameaça-o com o pau) Eu disse que quero o dinheiro agora !

MASCARILLE - Bem, é um pedido razoável.

PRIMEIRO CARREGADOR - Seja rápido, então.

MASCARILLE - Eis alguém que fala com educação, mas, o outro é um canalha que não sabe o que diz. Tome, está contente ?

PRIMEIRO CARREGADOR - (Ameaça-o outra vez com o pau) Não, eu não estou contente. O senhor deu um tapa no meu amigo e ...

MASCARILLE - (Rapidamente) Isto é pelo tapa. Comigo é fácil conseguir alguma coisa, quando se fala com bons modos. Agora, partam, mas, voltem ao ancitecer para le - var-me à ópera.

CENA VIII

O tema de Marotte anuncia-a enquanto Mascarille arruma suas plumas e fitas.

MAROTTE - Senhor, minhas amas chegam dentro de alguns momentos.

MASCARILLE - Não precisam apressar-se, estou comodamente esperando-as.

MAROTTE - ~~Elas~~.

CENA IX

Magdelon e Cathos, entram exatamente como na outra cena, introduzidas pelo mesmo tema musical. Mascarille nervosamente alisa as fitas, os cabelos e as plumas do chapéu ridiculamente. Elas fazem voltas como num desfile, até que param. Mascarille cumprimenta-as com três mesuras ante cada uma, enquan-

to a criada desdenha imitando-os.

- MASCARILLE - Senhoras, estareis surpresas, sem dúvida, pela au-dácia de minha visita; mas, vossa reputação me a traiu, e a reputação tem para mim um charme tão po-deroso que eu corro atrás dela.
- MAGDELON - Se procurais o mérito, não é em nossas terras que deveis caçar.
- CATHOS - Para ver o mérito em nossa casa, seria necessário que o senhor o tivesse trazido consigo.
- MASCARILLE - Ah! Ergue-me contra vossas palavras. O renome acusa justamente o que sois e representais. Farei pic, re-pic e capot em tudo que existe de galante em Paris.
- MAGDELON - Oh! Pic, repic e capot.
- CATHOS - Pic, repic e capot. (Inicia-se uma cena com os três repetindo os termos ridiculamente, experimentando novos ritmos, até que Magdelon interrompe)
- MAGDELON - Vossa complacência leva um pouco longe demais a li-beralidade dos elogios; e nós não nos reservamos, - minha prima e eu, de retribuir nossa seriedade nos doces de vosso elogio.
- CATHOS - Minha Querida, convém mandar trazer algumas cadei-
ras!
- MAGDELON - Marotte!
- MAROTTE - Senhora.
- MAGDELON - Rápido, propicie-nos as comodidades da conversação.
- MAROTTE - O que ?
- MAGDELON - Eu disse para propiciar-nos as comodidades da con-versação.
- MAROTTE - O que é isso ?
- MAGDELON - As cadeiras, idiota!
- MASCARILLE - Mas, ao menos existe segurança aqui para mim ?
- CATHOS - Que temeis ?
- MASCARILLE - Algum vôo de meu coração (êle exemplifica tudo com gestos trágicos, enquanto as duas quase falecem) al- gum assassinato de minha franqueza. Vejo aqui dois olhos de um menino malvado, dêsses que insultam as pessoas de bem e que fazem judiarias (as duas bai-
xam os olhos ruborizadas). Como, diabos ? Antes que a gente se aproxime dêles, êles se põem em guarda. Ah! de minha parte eu desconfio dos truques dêsses olhos e retiro-me para outros lugares onde exista segurança.
- MAGDELON - Minha querida, é o caráter amante!
- CATHOS - Acho que é um Romeu!
- MAGDELON - Não tema: nossos olhos não são mal intencionados e



- vosso coração pode dormir tranqüilo quanto a êles.
- CATHOS - Fora de brincadeira, senhor, não sêde rogado com essa poltrona que vos estende os braços há um quarto de hora; acalmai um pouco o desejo de vos abraçar.
- MASCARILLE - (Penteia-se, depois ageita as rendas e senta-se. Ma rotte traz mais cadeiras bufando e quase tropeçando) Então, senhoras, o que dizeis de Paris ?
- MAGDELON - Ai! o que podemos dizer ? Seria necessário ser um furioso cego para não enxergar que Paris é o baú das maravilhas, o centro do bom gosto, da informação e do romantismo.
- MASCARILLE - Eu penso que fora de Paris não existe ar respirável para as pessoas refinadas.
- CATHOS - É uma verdade incontestável.
- MASCARILLE - É preciso enfrentar a lama e o mau tempo; mas, nós temos a cadeirinha.
- MAGDELON - É verdade, a cadeirinha é um escudo maravilhoso - contra os insultos do mau tempo e do tédio.
- MASCARILLE - Estou certo que com vosso belo espírito deveis receber muitas visitas.
- MAGDELON - Infelizmente, ainda não somos conhecidas, mas estamos em vias de sê-lo, e nós temos uma amiga particular que prometeu trazer-nos aqui em casa todos - êsses senhores da Academia de Letras.
- CATHOS - Sim, disseram-nos que êles são alguns dos árbitros soberanos das belas coisas.
- MASCARILLE - Eu farei isso melhor que qualquer outro; todos me visitam e, posso dizer-vos que nunca ando sem me fazer acompanhar por meia dúzia de pessoas geniais.
- MAGDELON - Oh, meu Deus, nós vos seremos eternamente devedoras, se nos dais essa prova de amizade. Porque, enfim, - é preciso conhecer todos êsses senhores, se a gente quer ficar badalada; são êles que dão o tom em Paris. E vós sabeis que basta conhecer apenas um - para ficarmos populares. Quanto a mim, o que considero particularmente, é que por meio dessas visitas espirituais, a gente fica instruída a cerca de centenas de coisas que é preciso saber e que são - a presença de um belo espírito. Dêsse modo, a gente aprende a cada dia as pequenas coisas românticas, a bela troca das cartas e dos versos. Fica-se sabendo na ponta da língua: "Chico B. de Holanda compôs uma bela música sôbre A Garota Espacial; Viricius fêz versos para tal música; Juca Chaves fêz uma - Sátira; outro compôs poesias sôbre a infidelidade;

o senhor de tal escreveu ontem à noite, um soneto para senhorinha de tal e ela, enviou-lhe a resposta - hoje de manhã, lá pelas oito horas; um tal autor fez tal projeto; o outro está na terceira parte do seu romance; o outro já está com sua obra no prelo." É isto que faz as pessoas terem valor entre a sociedade e se a gente ignora tais coisas, eu não dou um prego por esta pessoa.

CATHOS - Com efeito, eu penso que é muito ridículo se alguém - que se diz genial não sabe uma quarta parte do que acontece cada dia; eu mesma, teria a maior vergonha do mundo, se alguém me perguntasse se vi alguma coisa e eu não tenha visto.

MASCARILLE - Também concordo que não há coisa pior que a pessoa mal informada. Mas não fiquéis tristes; quero estabelecer um centro de pessoas geniais nesta casa e vos prometo que não se fará um só verso em Paris que não vereis as primeiras pessoas a sabê-lo. Quanto a mim, eu me esforço quando quero, e vós vereis correr de minha autoria pelas ruas de Paris, duzentas canções, outro tanto de sonetos, quatrocentos epigramas e mais de mil madrigais, sem contar os enigmas e os retratos.

MAGDELON - Vos asseguro que sou louca pelas sonetos; não vejo nada mais galante que isso.

MASCARILLE - Os sonetos são difíceis e requerem um espírito profundo: vós os vereis ao meu modo e adorareis.

CATHOS - Eu amo terrivelmente as baladas.

MASCARILLE - Isso exercita o espírito e acabei de fazer quatro esta manhã; eu vos darei de presente.

MAGDELON - Os madrigais são agradáveis, quando são bem feitos.

MASCARILLE - É meu talento particular; atualmente, trabalho em colocar tôda a história romana num madrigal.

MAGDELON - Ah, certamente isso será o fino; eu gostaria de ter ao menos um exemplar, se o mardardes imprimir.

MASCARILLE - Eu vos prometo um exemplar da melhor encadernação. Isso está abaixo da



Isso está abaixo da minha condição; mas eu o faço somente para dar lucro aos editôres que me perseguem.

MAGDELON - Eu imagino como deve ser sensacional ver um trabalho da gente impresso.

MASCARILLE - Sem dúvida. Mas a propósito, quero declamar um improviso do que aconteceu ontem na casa de uma duquesa minha amiga que visitei. Porque sou terrivelmente genial para improvisações.

CATHOS - O improviso é justamente o supimpa do espírito.

MASCARILLE - Escutai, então.

MAGDELON - Somos tôdas ouvidos.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MASCARILLE - Oh! Oh! não terei cuidado.

Enquanto, sem sonhar, mal eu vos olho,
Vosso ôlho ipnotizador me rouba o coração.
Ao ladrão! Ao ladrão! Ao ladrão! Ao ladrão!

CATHOS - Ai, meu Deus! Vejam só do que é capaz um espírito romântico!

MASCARILLE - Tudo o que eu faço tem o ar romântico, isso não se encontra na ralé.

MAGDELON - Ele está à leguas de distância dos gênios.

MASCARILLE - Prestasteis atenção neste começo? "Oh! Oh!". Eis que é extraordinário. "Oh! Oh!" Como um homem que se dá conta num minuto, "Oh! Oh!" A surpresa: "Oh! Oh!"

MAGDELON -- Sim, eu acho admirável êsse "Oh! Oh!"

MASCARILLE - E temo que isso não seja nada.

CATHOS - Oh! meu Deus! O que dizeis? Estas coisas não têm prêço.

MAGDELON - Sem dúvida, eu adoraria ter sido a autora dêsse "Oh! Oh!". É mais que um poema épico.

MASCARILLE - Por Deus, Vos tende muito bom gosto.

MAGDELON - Não posso me queixar.

MASCARILLE - Mas, vós não admirais também êsse "Eu não me preocupo"? "Eu não me preocupo", quer dizer, eu não tinha me dado conta. Tentemos falar naturalmente "Eu não me preocupo. Enquanto que sem sonhar mal", isto é, enquanto que inocentemente, sem malícia, - como um pobre cordeiro, "eu vos contemplo", isto é, me deleito em vos olhar, eu vos observo, eu - vos contemplo. "Vosso ôlho hipnotizador". Que vos parece essa palavra, "Hipnotizador". Não foi bem escolhida?



- CATHOS - Maravilhosamente bem.
- MASCARILLE - "Hipnotizador;" parece um gato que tem acabado de caçar um rato.
- MAGDELON - Não existe nada melhor.
- MASCARILLE - "Me rouba o coração", leva-o, arrebatá-o." Ao ladrão! Ao ladrão! Ao ladrão! Ao ladrão!" Não direis que se trata de um homem que grita e corre atrás - de um ladrão para fazê-lo prender? "Ao ladrão! Ao ladrão! Ao ladrão! Ao ladrão!"
- MAGDELON - É preciso jurar que isto tem um todo espiritual e romântico.
- MASCARILLE - E agora, vou contar-vos a melodia que fiz para isto.
- CATHOS - Aprendestes música?
- MASCARILLE - Eu? Absolutamente!
- CATHOS - Então, como pode ser isso?
- MASCARILLE - As pessoas refinadas sabem tudo sem nunca terem aprendido nada.
- MAGDELON - Certamente, minha querida.
- MASCARILLE - Escutai para ver se a melodia é do vosso agrado. "Hem, hem, lá, lá, lá, lá." A brutalidade desta estação chuvosa ultrajou furiosamente a delicadeza de minha voz; mas não importa vou cantá-la de qualquer maneira. (Ele canta, levantando-se e dançando ao som da melodia). "Oh! Oh! Não terei cuidado, enquanto não sonhar, mal eu vos olho vosso - olho hipnotizador me rouba o coração. Ao ladrão! Ao ladrão! Ao ladrão! Ao ladrão!"
- CATHOS - Ah! Eis uma medida apaixonada!
- MAGDELON - Divina e maravilhosa!
- CATHOS - Quase morro ao ouvi-la!
- MAGDELON - Está repleta de melodia!
- MASCARILLE - Não achais que o pensamento está bem expresso dentro desta música? "Ao ladrão! E, depois, como se a gente gritasse bem alto - "Ao, ao, ao, ao, ao, ao, ao, ladrão!" E, de repente, como uma pessoa - sem fôlego: "Ao ladrão!"
- MAGDELON - Isto, é saber o fim das coisas, o grande fim, o fim do fim. Tudo é maravilhoso, eu vos asseguro; estou entusiasmada com a melodia e as palavras.
- CATHOS - OH, céus, nunca vi algo com tanta fôrça!
- MASCARILLE - Tudo que eu faço me vem naturalmente, é sem estudos.
- MAGDELON - A natureza vos tratou como uma verdadeira mãe apaixonada. Vós sois seu filho mais amado.

- MASCARILLE - Mas, como passais o tempo, minhas senhoras ?
- CATHOS - Não fazemos mais, absolutamente.
- MAGDELON - Até agora estivemos numa roda de passatempos para crianças, assustadores.
- MASCARILLE - Eu me ofereço para vos levar, um dia dêsses ao teatro, se o quizerdes. Vai estreiar uma peça nova e me sentiria feliz se nos vissem juntos.
- MAGDELON - Jamais recusariamos semelhante convite.
- MASCARILLE - Mas eu vos peço para aplaudirem bastante, quando estivermos lá, porque eu me comprometi de valorizar a peça e o autor, ainda esta manhã, foi a minha casa. É um costume em Paris, que nós pessoas da mais alta sociedade, sejamos visitados pelos novos autores que vem ler suas peças, pedindo-nos para as acharmos belas e recomendá-las. Imaginem-se a platéia ousa contradizer-nos. Entretanto, sou terrivelmente exato, e, quando prometo a algum poeta, antes que as luzes se acendam eu grito sempre - "É lindo! Divino! Maravilhoso! "
- MAGDELON - Não digais mais nada. Não existe lugar mais fabuloso do que Paris. Aqui acontecem mil coisas que se ignora na província, por mais genial que a gente seja.
- CATHOS - É de mais: É como nós somos instruídas, também somos obrigadas a estarmos bem informadas. É nosso dever estar a par de tudo que se passe ou diga.
- MASCARILLE - Talvez eu me engane, mas, vós tendes todo o jeito de já ter escrito alguma peça de teatro.
- MAGDELON - Talvez haja alguma verdade no que dizeis.
- MASCARILLE - Oh! Quanta sorte, será preciso que me mostrem algum dia. Cá entre nós, eu também escrevi uma que desejo ver encenada.
- CATHOS - Oh! porque atores quereis vê-la?
- MASCARILLE - Boa pergunta! Pelos artista da Comédia. Ninguém como eles é capaz de valorizar as coisas; os demais são uns ignorantes que recitam como miam; eles não sabem dizer os versos e fazer as pausas nas horas certas; e, como reconhecer o belo verso, se o ator não para onde deve?
- CATHOS - Realmente, é preciso fazer com que a platéia sinta a beleza do texto.
- MASCARILLE - Mas, mudando de assunto, que achais de meu lenço? Julgais de acôrdo com o traje ?
- CATHOS - Totalmente.



- MASCARILLE - O laço foi bem escolhido ?
- MAGDELON - Furiosamente bem. Isto é seda pura.
- MASCARILLE - Que dizeis do meu jabô ?
- MAGDELON - Explêndido.
- MASCARILLE - Posso me gabar, pelo menos, que êle tem um bom corte, melhor que qualquer outro que anda por aí.
- MAGDELON - É preciso jurar que eu nunca vi ninguém levar a elegância até êste ponto.
- MASCARILLE - Colocais um pouco vossos narizes sôbre estas luvas.
- MAGDELON - Cheiram terrivelmente bem.
- CATHOS - Nunca aspirei um perfume tão divino.
- MASCARILLE - É isto ? (Êle lhes dá os cabelos empoados para cheirar).
- MAGDELON - É de qualidade ! Perturba-me os sentidos.
- MASCARILLE - Nada dizeis de minhas plumas - o que achais ?
- CATHOS - Assustadoramente belas!
- MASCARILLE - Sabeis que me custa um luis de ouro cada uma ? Eu tenho a mania de querer pagar generosamente tudo o que é de mais belo.
- MAGDELON - Vos asseguro que nós combinamos furiosamente; eu tenho uma delicadeza furiosa por tudo o que uso. Até os meus sapatos, não suporte os que não são bem feitos.
- MASCARILLE - (Bruscamente, lamenta-se exagerado) Ai, ai, ai! Meu Deus, senhoras, isto está errado. Lamento vosso procedimento, não é correto.
- CATHOS - O que foi? Que tendes ?
- MASCARILLE - O que ! Ambas contra meu coração ao mesmo tempo! Me atacam pela esquerda e pela direita ! Há, é contra os direitos de uma pessoa; não é honesto e, eu vou chorar terrivelmente.
- CATHOS - É preciso concordar que êle diz as coisas de uma forma maravilhosa.
- MAGDELON - Êle tem um espírito admirável.
- CATHOS - Penso que vosso coração chora antes que o destruamos.
- MASCARILLE - Como, diabo! Êle está destruído desde a cabeça até os pés.

CENA X

O tema musical introduz Marotte, justamente quando as duas tentam consolar Mascarille.



- MAROTTE - Senhora, alguém quer vê-la.
MAGDELON - Quem ?
MAROTTE - O Visconde de Jodelet.
MASCARILLE - O Visconde de Jodelet ?
MAROTTE - É êsse mesmo.
CATHOS - Vós, o conheceis ?
MASCARILLE - É meu melhor amigo.
MAGDELON - Fazeri-o entrar logo.
MASCARILLE - Faz algum tempo que não nos vemos e estou radian-
te em encontrá-lo.
CATHOS - Ei-lo.

CENA XI

O Visconde de Jodelet entra horrorizado com alguma coisa que viu lá dentro. Mas, ao ver os presentes, recompõe-se. Sua entrada é feita sob um tema rápido e marcado. Ele dá passinhos miudos e nervosos, como de um nodo geral, tâdas as suas atitudes.

- MASCARILLE - Há, Visconde!
JODELET - Há, Marquês! (Os dois abraçam-se e beijam-se com entusiasmo).
MASCARILLE - Estou contente por reencontrar-vos.
JODELET - Que alegria em rever-vos.
MASCARILLE - Beijemo-nos ainda um pouco, eu vos peço. (Os dois beijam-se nas faces, outra vez, com entusiasmo)
MAGDELON, à Cathos - Minha caríssima, começamos a ficar conhecidas. Eis o belo mundo que toma o caminho de nossa casa.
MASCARILLE - Senhoras, permite que vos apresente êste gentil - homem. Dou a minha palavra de honra que êle é dos mais dignos de ser conhecido por vós.
JODELET - É justo trazer aquilo que mereceis. E, vossos atrativos ultrapassam o de qualquer pessoa.
MAGDELON - Isso é que eu chamo de colocar a civilização até os confins do mundo.
CATHOS - Êste dia deve ficar marcado em nossa agenda como um dia maravilhoso.
MAGDELON, à Marotte - E então, estúpida, será que é sempre preciso te repetir as coisas ? Não vês que faz falta o confôrto de uma poltrona ?
(Marotte sai resmungando)
MASCARILLE - Não vos surpreendais de ver o Visconde com essa cara. Êle acaba de ter uma doença que lhe deixou a fisionomia pálida como vêdes.
JODELET - São as noitadas no Palácio e as durezas da guerra.



- MASCARILLE - Sabei, senhoras, que estais diante de um dos ho-
mens mais valentes dêste século? É um bravo de -
quatro costados.
- JODELET - Não ficais me devendo nada, meu caro Marquês, e
nós sabemos de vossa bravura também.
- MASCARILLE - É verdade que na ocasião nos encontramos.
- JODELET - E, em lugares onde fazia um frio terrível.
- MASCARILLE, olhando as duas - Sim, mas não tão frio como aqui,
Hi!Hi!Hi!
- JODELET - Nós nos conhecemos no exército e a primeira vez
que nos vimos, êle comandava o regimento de vava-
laria nas galeras de malta.
- MASCARILLE - É verdade; mas, vós estáveis lá antes de mim e eu
me lembro que eu não era mais que um pequeno ofi-
cial ainda e vós já comandaveis dois mil cavalei-
ros.
- JODELET - A guerra é uma bela coisa, mas, na minha opinião,
a Côrte recompensa mal hoje em dia as pessoas de
serviço como nós.
- MASCARILLE - É isto que me faz querer dependurar minha espada.
- CATHOS - Oh, eu tenho uma ternura furiosa pelos homens de
armas.
- MAGDELON - Eu também os amo; mas, profiro que a inteligência
sobrepuje a bravura.
- MASCARILLE - Lembrai-vos, Visconde, a meia-lua que conquista-
mos dois inimigos durante o cêrco de Arras?
- JODELET - Que quereis dizer com meia-lua? Era uma lua in-
teira.
- MASCARILLE - Lembro-me muito bem - era uma meia-lua!
- JODELET - Uma lua inteira, ora essa!
- MASCARILLE - Meia-lua!
- JODELET - Lua inteira!
- MASCARILLE - Creio que tens razão.
- JODELET - Eu me lembro muito bem. Fui ferido na perna por
um golpe de sabre, cuja cicatriz ainda carrego.
Apalpai aqui, por favor senhoras, ainda sentireis
o sinal, exatamente aqui.
- CATHOS - É verdade, a cicatriz é grande.
- MASCARILLE - Dai-me vossa mão e apalpai aqui, justamente atrás
da cabeça. Sentis?
- MAGDELON - Sim, sinto alguma coisa.
- MASCARILLE - Foi um golpe de mosquete que recebi na última can-
panha que fiz.
- JODELET, descobrindo o peito - Eis aqui um golpe que me furei
de fora a fora, durante o ata-
que a Gravellines.



- MASCARILLE, tentando tirar os sapatos - Vou mostrar-vos um horrível corte.
- MAGDELON - Não é necessário, nós acreditamos sem ver.
- MASCARILLE - São marcas honrosas que mostram o que somos.
- CATHOS - Não temos dúvida do que sois.
- MASCARILLE - Visconde, viesteis de coche ?
- JODELET - Porque ?
- MASCARILLE - Levaríamos essas damas a passear fora das portas da cidade, e, lhes daríamos presentes.
- MAGDELON - Nós não tínhamos intenção de sair hoje.
- MASCARILLE - Oh, sublime idéia. poderíamos dançar.
- JODELET - Idéia divina, meu caro! Divina!
- MAGDELON - Isso nós consentimos. Mas é preciso que se consigam músicos.
- MASCARILLE - Alô! Champanhe, Picard, Bourguignon, Casquaret, - Basque, La Verdure, Lorrain, Provançal, La Violette! Ao diabo todos os criados. Creio que não existe em tôda a Paris um cavalheiro mais mal-servido que eu. Esses canalhas me deixam sempre só.
- MAGDELON - Marotte, diz aos músicos do senhor Marquês que êle vai querer dançar, mas, ordena-lhes que toquem da outra sala. (Marotte sai)
- MASCARILLE - Visconde, que dizeis dêstes olhos ?
- JODELET - E vós, o que pensais dêles?
- MASCARILLE - Eu digo que nossas liberdades estão ameaçadas. Para mim, pelo menos, tenho estremecimentos em meu coração e sinto que minha consciência se rege apenas por um fio.
- MAGDELON - Tudo que êle diz é tão natural! Êle torna tôdas - as coisas agradáveis neste mundo.
- CATHOS - É verdade, êle faz um terrível esbanjamento de inteligência.
- MASCARILLE - Para provar-vos que tudo isso é verdadeiro, vou - fazer um proviso sôbre isso.
- CATHOS - Eu vos desafio com tôda a devoção de meu coração. Queremos ouvir alguma coisa feita especialmente - para nós.
- JODELET - Teria desejos de o fazer também, mas, eu me acho um pouco perturbado em minha veia poética, pela grande quantidade de sonetos que fiz nos últimos dias.
- MASCARILLE - Com mil diabos! O que estará acontecendo-me ? Eu sempre fiz bem o primeiro verso, mal consigo fazer os outros. Creio que é a pressa, por isto, eu vos farei um improviso ao acaso, quando menos esperar -

- des e o achareis o mais belo do mundo.
- JODELET - Ele tem espírito como um demônio.
- MAGDELON - É ousado e bem sucedido.
- CATHOS - Um pão!
- MASCARILLE - Visconde, dissei-me uma coisa, há muito tempo que não vê a Condessa ?
- JODELET - Há mais de três semanas que não a visito.
- MASCARILLE - Sabeis da visita que o Duque me fêz esta manhã? Pois, quiz me levar ao campo para caçar.
- MAGDELON - Eis, os músicos que chegam.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA XII

Os quatro e mais Marotte que espreita, movimentam-se intensamente, dando gritinhos, enquanto esperam o início da música.

- MASCARILLE - Isto será apenas um baile informal mas um dia - dêsses, nós faremos um com tôdas as necessidades de uma festa. Os músicos estão prontos?
- MAROTTE - Sim senhor, estão esperando.
- CATHOS - Vamos pois, minha querida, tomemos nosso lugar. (Todos preparam-se para a dança)
- MASCARILLE - (Começa a ensaiar sozinho) - Lá, lá, lá, lá, .
- MAGDELON - Ele tem o porte extremamente elegante.
- CATHOS - E o jeito de dançar é perfeito.
- MASCARILLE - (tomando Magdelon para dançar) - Dançarei esta noite com tôda a minha sinceridade. Meus pés voam! Mas, êstes músicos não estão em cadência! Oh! que ignorantes! Não é possível dançar com êles. Tocam tudo fora de ritmo. Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá. Parem, oh! Músicos de cidade do interior.
- JODELET - (dançando com Cathos) Oh, não apressem tanto a cadência, isso me deixa tonta.

CENA XIII

La Grange e Du Croisy entram furiosos interrompendo o baile. Os dois falsos marqueses largam as preciosas e tentam defender-se; se, mas os patrões investem furiosos com bastões na mão, enquanto as preciosas correm a proteger-se.

- LA GRANGE - Ah! Ah! Seus cretinos. Que fazeis aqui ? Fazem três horas que os procuramos.
- MASCARILLE - (apanhando) Ai! Ai! Vós me dissestes que bateri- eis de vagar. Não com tanta fôrça.
- LA GRANGE - Tu o mereces, criado infame! Querendo te passar por homem aristocrático.



JODELET - Ai! Ai! Ai!

DU CROISY - Eis o que ensina a saber o teu lugar. (Depois de baterem bastante os dois se retiram, deixando os criados acocorados no chão. Enquanto as preciosas se protegem abraçadas. Marotte espia horrorizada).

CENA XIV

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 91020-025

MAGDELON - Afinal, o que quer dizer isto ?

JODELET - Era só uma brincadeira.

CATHOS - Que brincadeira, levasteis uma tremenda surra.

MASCARILLE - Meu Deus! Não quiz reagir porque sou um homem violento, terrível!

MAGDELON - É o fim ! Suportar uma afronta dessas na nossa frente.

MASCARILLE - Ora, não foi nada, não vamos mais pensar no caso. Nós somos amigos de muito tempo. Não vamos levar a sério uma brincadeira.

CENA XV

La Grange e Du Croisy entram com espadas na mão. Outra vez, as preciosas se abraçam protegendo-se enquanto os dois falsos nobres procuram esconder-se nas saias das duplas.

MAGDELON - Mas, que audácia ! Vir perturbar nosso sossego, dentro de nossa própria casa.

DU CROISY - Como, senhoras, achais que devemos suportar que nossos criados sejam recebidos melhor do que nós? Vamos permitir que eles ponham nossas roupas e façam um baile convosco?

LA GRANGE - Sim, nossos criados. E acho que se alguém souber, vós duas estareis também desprestigiadas.

MAGDELON - Céus, que insolência!

LA GRANGE - Mas, não continuarão usando nossa roupa por muito tempo. E, se vós quereis amá-los será pelos seus olhos e não por nossos trajes. Vamos tirá-los agora mesmo. (Magdelon e Cathos correm para não ver, enquanto os dois criados são agarrados à força pelos patrões que lhes tiram as roupas, deixando-os somente com as camisetas e as ceroulas).

JODELET - Adeus, minha bravura!

MASCARILLE - A aristocracia está decadente!

DU CROISY - Canalhas, tiveram a audácia de querer passar-nos a perna. Irão procurar outro lugar para enganar vossas namoradas. Isso, eu lhes asseguro.



MASCARILLE - Ai, como a fortuna muda de rumo!

DU CROISY - Rápido, vamos tirar-lhes até a última peça de roupa.

LA GRANGE - Vamos tirar-lhe tudo. Agora, senhoras, no estado em que estão, podeis continuar amando-os quanto quizerdes. Eles são todos seus e vos garantimos, eu e meu amigo, que não teremos nem um ciúme. (Os dois saem levando as roupas dos criados, enquanto êstes se os escondem com as roupas brancas).

CATHOS - Oh, acho que vou desmaiar!

MAGDELON - E eu vou arrebentar de raiva.

CENA XVI

Gorgibus entra furioso, seguido por Marotte que está horrorizada.

GORGIBUS - Vocês duas não passam de duas imbecis. Fomos todos enrolados.

MAGDELON - Ah, senhor meu pai, foi uma peça sangrenta que nos pregaram.

GORGIBUS - Sim, sangue queria eu, suas impertinentes, suas infames! Aquêles dois senhores estavam furiosos pelo tratamento que lhes desteis. Mas, pobre de mim, desgraçado que sou, preciso engolir tudo caladinho!

MAGDELON - Ah, mas eu juro que me vingarei. Me vingo e me mato. E vocês seus cretinos ainda ousam ficar aqui - depois de que se passou?

MASCARILLE - Ah, agora é assim que fala com um marquês! Vejam só como é o mundo! Qualquer coisa, por menor que seja, nos torna desprezíveis por aqueles que nos amavam. Vamos, companheiro, vamos procurar a sorte em outra paróquia, vejo que aqui só nos amam pelas aparências e que não tem o mínimo respeito pela nossa inteligência. (Os dois criados saem)

CENA XVII

As duas preciosas choram ruidosamente, enquanto o pai ameaça-lhes bater.

GORGIBUS - Ah, não sei o que impede de lhes dar uma surra, por vossa burrice. Daqui pra frente seremos o riso e o ridículo da cidade, tudo por causa de vossas extravagâncias. o melhor que temos a fazer é voltarmos para a província. (As duas saem chorando -

lastimosamente) Quanto a vocês que são a causa de nossa desgraça, da loucura de minhas filhas, idiotas completas, deslumbradas tãtais, vós perniciosas novelas, divertimentos dos aventureiros, romances, versos, canções, sonetos e sonatas e - sonatas .ide todos para o inferno!

F I M

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

